



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

ADRIELE SILVA ARAÚJO

BRASÍLIA, ABRIL DE 2012.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

ADRIELE SILVA ARAÚJO

BRASÍLIA, ABRIL DE 2012.

ADRIELE SILVA ARAÚJO

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profª. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profª. Dra. Iracilda Pimentel Carvalho

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Remi Castioni

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, abril de 2012.

ADRIELE SILVA ARAÚJO

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Iracilda Pimentel Carvalho

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Remi Castioni

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, abril de 2012.

HOMENAGENS

À Deus, por me permitir chegar até aqui com saúde e por ter me abençoado não só ao longo da minha caminhada, mas durante toda a vida.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e me ajudaram em todos os momentos da minha vida.

Ao meu irmão, que sempre me incentivou muito e é um exemplo de vida para mim.

Aos meus professores, que contribuíram muito na minha formação, em especial à professora Sônia Marise que tem me acompanhado desde o início e contribuiu significativamente para o sucesso da minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por estar sempre ao meu lado.

Aos meus pais e meu irmão, por todo amor e carinho e companheirismo.

Ao meu namorado, que sempre me acompanhou quando precisei.

À minha orientadora Sônia Marise, um exemplo não só de pessoa, mas de professora, a qual tenho uma enorme admiração e que me ajudou muito durante minha formação.

Aos educandos que passaram pela minha vida e me permitiram a experiência não só de ensinar, mas também de aprender.

RESUMO

O trabalho visa mostrar que não existe somente o sistema capitalista como forma de sustento e reprodução, que há alternativas para a geração de renda e trabalho, e a Economia Solidária é uma delas. E dentro desse contexto traz a reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e sua interrelação com a Economia Solidária. Traz um pouco da EJA, mostrando também o contexto histórico da época e um pouco sobre a relação da Economia Solidária com a educação. Busca também a reflexão de como pode ser a Educação de Jovens e Adultos levando em consideração os princípios da Economia Solidária e como pode acontecer uma transformação na realidade da EJA, a partir dessa nova economia, mostrando ainda experiências pedagógicas relacionadas ao tema. Contribuições de autores como Paulo Freire e Paul Singer, foram de grande importância.

Palavras-chave: Economia Solidária; Educação; Educação de Jovens e Adultos.

ARAÚJO, Adriele Silva. Economia Solidária e Educação: Experiências pedagógicas com Educação de Jovens e Adultos. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2012.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
PRIMEIRA PARTE	
Memorial	10
SEGUNDA PARTE	
MONOGRAFIA: ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
CAPÍTULO 1 – Reflexões sobre Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Economia Solidária	19
1.1 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil	19
1.2 Economia Solidária e Educação	26
1.3 Pensando a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Economia Solidária	30
CAPÍTULO 2 – Experiências pedagógicas com Educação de Jovens e Adultos.....	34
2.1 Experiência 1: Escola Municipal de Ensino Especial Eugênia Campos Coelho (GO)	34
2.2 Experiência 2: Associação Atlética de Santa Maria (DF)	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50
TERCEIRA PARTE	
Perspectivas profissionais	53

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho de conclusão do curso superior de Pedagogia da Universidade de Brasília. Ele desdobra-se em três partes. A primeira parte faz referência a um memorial, onde foi apresentada toda a minha trajetória escolar, desde as séries iniciais até o presente momento. Mostra os desafios e dificuldades que enfrentei ao longo da minha caminhada, mas também as surpresas e alegrias que vivi. Traz um pouco da minha história no decorrer da graduação, as experiências que tive na educação e as escolhas que fiz para chegar à escolha do curso. Destacando ainda aspectos importantes que contribuíram não só para minha formação profissional, mas também pessoal.

A segunda parte tem 2 capítulos. O primeiro capítulo tem por título “Reflexões sobre Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Economia Solidária”, e busca refletir a relação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a Economia Solidária, levando em consideração seus princípios. Traz um pouco da EJA no Brasil, situando-a no contexto histórico. Apoiando nas contribuições de alguns pensadores da educação, pretende-se entender um pouco a relação da Economia Solidária com a educação. E em seguida temos uma reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos, pensada a partir da perspectiva da Economia Solidária, e nas mudanças que podem ocorrer na EJA com uma essa nova economia.

O segundo capítulo refere-se às minhas experiências pedagógicas realizadas durante o projeto IV. Uma das experiências foi realizada na Escola de Ensino Especial Eugenia Campos Coelho, com uma turma de Educação de Jovens e Adultos. A outra experiência foi na Associação Atlética de Santa Maria, com EJA, inclusive educação popular, já que trabalhamos com sujeitos da comunidade.

Conclui-se o trabalho na terceira parte, com minhas perspectivas profissionais, pontuando o meu interesse de atuação como futura educadora, onde pretendo atuar, e quais minhas pretensões na formação continuada. Falo um pouco do meu interesse pela área da educação, meus sonhos para o futuro e o desejo de contribuir para uma sociedade melhor.

PRIMEIRA PARTE
MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL

Minha trajetória escolar inicia aos 6 anos de idade, na Escola Municipal CAIC na cidade de Luziânia (GO). Já iniciei na primeira série do ensino fundamental, mas como os meus colegas de classe tinham todos 7 anos de idade, eu estava um pouco adiantada. Nessa época meus pais se separaram e eu sofri muito, porque fiquei morando só com minha mãe e meu irmão, que estava entrando na adolescência. Mas como eu era muito meiga, delicada e estudiosa, meu professor tinha certa preferência por mim, o que causava ciúme em outras colegas e acabava gerando certa implicância. Meu professor era excelente, e me relacionava muito bem com ele. Tantos anos se passaram e eu recordo até hoje da “Casinha Feliz” e dos “Amiguinhos”. Apesar de já saber escrever alguns nomes que meu irmão havia me ensinado antes de entrar na escola, eu aprendi muito e fui muito bem alfabetizada. Lembro bem como as pessoas riam quando eu lia as palavras, porque ficava imitando os sons das letras.

No segundo semestre da segunda série meu pai e minha mãe reconciliaram e voltamos a morar em Brasília. Meus pais me matricularam na Escola Classe Olhos D’ Água para terminar a segunda série. No ano seguinte cursei a terceira série e no posterior a quarta série, concluindo assim a primeira fase do ensino fundamental. Não me recordo de muita coisa dessas séries e do que vivi nessa escola. Mas lembro que eu era muito querida pela Diretora e todos tinham um carinho muito grande comigo. Lembro-me também de uma parte muito desagradável que vivi nessa escola, que me deixou traumatizada durante todo o tempo que estudei lá. Como eu sempre fui muito superprotegida, e meu pai era muito rígido comigo, eu era uma menina muito quieta, calada, comportada, e os meninos e meninas que tinha entre 9 e 10 anos só falavam em namorar, já beijavam na boca, faziam brincadeiras do tipo salada mista e me pressionavam para ser assim também. E como para mim aquilo era algo errado, e também eu tinha muito medo do meu pai saber se eu fizesse algo errado, então eu não queria fazer nada e com isso eles me excluía e eu ficava só, e isso era terrível para uma menina de 10 anos. Com isso eu ficava muito confusa sem saber o que fazer, foi uma época muito ruim na minha vida escolar.

Aos 10 anos, quando entraria na segunda fase do ensino fundamental, na quinta série, meus pais se separam de novo e mudamos novamente para Luziânia. Apesar de todas essas separações e mudanças, que não é nada fácil para a compreensão de uma adolescente, eu nunca deixei de ser uma boa aluna e isso não influenciava em minhas notas. Comecei a

quinta série no Colégio Estadual Professor Antonio Valdir Roriz, mas no meio do ano devido algumas alterações do próprio colégio, me transferiram para o Colégio Estadual Alceu de Araújo Roriz. Nesse colégio eu concluí toda a segunda fase do ensino fundamental, ou seja, até a oitava série.

No início da quinta série, eu estranhei bastante, porque é muito diferente o comportamento dos professores do primeiro ciclo do ensino fundamental com os do segundo ciclo. Eu tive muito medo, porque as pessoas diziam que ia mudar tudo, que os professores não queriam saber dos alunos. Mas para mim não foi nada disso, a maioria dos professores continuavam com o mesmo carinho e cuidado que os professores das séries iniciais. Lembro que eu achava muito estranho o fato de agora ter muitos professores, um para cada matéria, confundia minha cabeça à principio, porque era muita informação, mas depois me acostumei.

Eu me saía bem em todas as matérias, sempre tirava boas notas, e durante todo o segundo ciclo do ensino fundamental, eu era considerada CDF pelos colegas. Meus professores desde essa época diziam que eu era aluna de Universidade pública e eu ficava muito feliz, eles me faziam acreditar nisso. Eu adorava português, até porque meus professores de português sempre foram os melhores, e eu também gostava muito de ler e escrever, sempre me preocupava com a gramática, em escrever correto. Os meus professores sempre me elogiavam nas reuniões, e me presenteavam por tirar as melhores notas, e eu era muito esforçada, queria mostrar não só pra eles, mas também para meus pais que eu era uma aluna inteligente e estudiosa.

Tive algumas dificuldades nessa época, as mesmas da terceira e quarta série. Como os alunos estavam entrando na adolescência, só pensavam em namoro, em paqueras, e já falavam muito de sexo, e isso era algo que me deixava constrangida, porque eu era muito tímida, tinha vergonha de tudo, e não gostava de nada disso. Eu fui muito criticada, faziam algumas brincadeiras de mau gosto comigo, eu já chorei muito na escola, e isso me deixava muito mal. As colegas de classe queriam que eu beijasse os meninos, com essas historinhas de ficar, e eu não queria, porque para mim era errado, e eu ficava me sentindo um ET no meio deles, e isso era muito constrangedor e desagradável. Mas mesmo assim, fiz algumas amizades que carrego em meu coração até hoje, tive muitos momentos bons e professores maravilhosos, que me fizeram muito bem e acreditaram em mim, no meu potencial. Alguns ainda guardo em minha memória até hoje.

Aos 14 anos, em 2003, entrei no ensino médio, no Colégio Estadual Professor Antônio Valdir Roriz, o mesmo que havia estudado na quinta série. Foi muito bom, adorei voltar àquela escola. Nela só tinha ensino médio, os alunos eram mais maduros. Não tinha mais aquela pressão, cada um fazia o que queria, e eu já estava quase namorando, ninguém mais me criticava por ser comportada ou quieta, pelo contrário, eu era admirada por isso.

O ensino médio foi uma fase muito boa para mim, foi onde conquistei amizades verdadeiras e realmente me foquei no estudo com o objetivo de estudar para passar no vestibular. Eu tinha preferência por matérias das áreas de humanas, como português, história e geografia. Mas estudava com empenho também para as outras matérias, só não gostava muito de física, aliás, nunca tive muita afinidade por essa matéria.

Durante esse período fui muito incentivada por meus professores a estudar bastante, a pensar no curso que queria seguir carreira. Mas ainda achava muito cedo, lia bastante sobre cada curso, mas ainda não tinha uma opinião formada sobre o que queria. Meu pai que sempre foi um grande exemplo e me ajudava bastante, me incentivava e acreditava muito em mim, queria que eu fosse professora. Mas a ideia a princípio não me agradava muito, a única certeza era que queria estudar na UnB, esse sim era um sonho, não só meu, mas de quase todos meus colegas de ensino médio.

Mas eu sabia que não seria fácil, até porque durante toda minha vida escolar estudei em escolas públicas, carentes de qualidade de ensino. Mas mesmo assim não desistia, eu acreditava muito em mim, mesmo sabendo que meus concorrentes seriam pessoas vindas de escolas de ótima qualidade e algumas bem conceituadas. E eu sempre fui bem orientada, sabia que se quisesse um curso concorrido teria que estudar bastante ou até mesmo anos. Comecei medindo meu conhecimento, fazendo a primeira etapa do PAS, mas não tive muito sucesso e por isso nem fiz as outras etapas, desisti logo de entrar pelo PAS. Fiz também o ENEM no final do terceiro ano, mas não alcancei a média desejada.

Assim que terminei o ensino médio, em 2006, entrei logo em um cursinho pré-vestibular, o ALUB. No começo achei muito difícil, porque minha base do ensino médio era muito fraca, e lá estudava conteúdos que nunca tinha visto no ensino médio. Como nessa época comecei a trabalhar, dificultou bastante para mim, porque eu ia para o cursinho pela manhã e quando chegava trabalhava até às 20h. E com o cansaço não conseguia estudar em casa, até porque era em Brasília e morava em Luziânia, e eram mais de 3 horas só dentro do

ônibus, perdia muito tempo, assim estudava só durante as aulas. E nesse ritmo de estudo, eu sabia que não poderia escolher um curso de alta concorrência. No vestibular 2º 2006, escolhi Ciências Contábeis e não passei, e também não sei por que escolhi esse curso, porque nem era algo que queria. Nesse vestibular eu consegui média para passar em alguns cursos, o que me animou um pouco.

No começo de 2007 consegui uma bolsa pelo PROUNI em uma faculdade particular para Ciências Biológicas, mas não quis, e continuei tentando outra coisa, mas eu sabia o que queria. Continuei estudando sozinha em casa, mas havia perdido bastante o ritmo de estudo e já estava um pouco desanimada sem saber o que fazer. No começo de 2008 me matriculei novamente no ALUB e estava decidida que no próximo semestre eu começaria um curso superior, só não sabia o que nem onde. E ao longo do semestre, até chegar o dia da inscrição pensei em muitos cursos e resolvi seguir por vontade própria o que meu pai desejava que eu fizesse. Então me inscrevi para Pedagogia, e pensei, ainda sou nova, se eu não gostar do curso eu paro e faço outra coisa.

Fiz o vestibular e nem pensei mais nisso, porque dessa vez eu nem me dei ao trabalho de olhar o gabarito e muito menos de corrigir a prova, como eu sempre fazia. Em junho do mesmo ano ganhei uma bolsa pelo PROUNI em uma faculdade particular, para o curso de Farmácia, fiquei muito feliz e empolgada porque aos meus olhos era um bom curso e eu não ia pagar nada. Fui à faculdade e me matriculei, já estava acostumada com a ideia de ser farmacêutica. As aulas começariam em agosto e eu já conhecia até alguns futuros colegas de curso. Nem estava lembrando mais do vestibular que havia feito para Pedagogia na UnB.

Mas para minha surpresa, no dia do meu aniversário, 15 de julho, quando preparava para ir jantar com a família para comemorar meus 20 anos, sai o resultado do vestibular e minha amiga me liga muito empolgada, me dando parabéns, que eu havia passado. Fiquei sem reação, sem saber o que falar, porque era algo que eu não esperava mais e que já havia caído no esquecimento. Mas eu fiquei muito feliz, me deu aquela sensação de vitória, e agradei a DEUS pelo presente de aniversário. No dia eu não falei nada para ninguém, comemorei em silêncio, mas estava animada com a notícia.

No dia seguinte contei para as pessoas da minha família e alguns amigos. Todos me deram parabéns, mas meu pai foi o que ficou mais feliz, pois era o que ele queria. Mas como eu não estava muito certa do que queria, veio a grande dúvida, continuar em Farmácia ou

seguir na Pedagogia. A principio fiquei muito confusa e apesar de ser dois cursos completamente diferentes, eu achava os dois cursos bons. E eram dois cursos que eu pretendia seguir carreira, não pensava em outra coisa. Como as aulas da Unip, onde começaria Farmácia, começariam mais cedo do que na UnB, eu fui à primeira semana de aula e não gostei nenhum pouco, quando fiquei sabendo de muita coisa que teria que fazer no curso, vi que eu não tinha vocação pra isso. Logo já desisti, e tive a certeza que começaria Pedagogia na UnB, e meu pai ficou muito feliz. Mas eu já pensei logo, se eu não gostar do curso eu paro e procuro outra coisa.

Tranquei a matrícula no curso de Farmácia e assim que abriram as inscrições, já fui à UnB e me matriculei. Eu já tinha ido à UnB uma vez, mas foi à noite e eu não me recordava muito bem de como era, só lembrava mesmo do minhocão. Foi eu e minha amiga, quando chegamos lá, nos encantamos com tanto espaço, e principalmente com o comprimento do ICC. No mesmo dia já fizemos a carteirinha estudantil.

Meu primeiro dia de aula foi cheio de expectativas, fiquei muito empolgada. Quando chegamos lá, os veteranos já nos passaram um trote. Uma aluna do oitavo semestre fingiu ser uma professora muito rígida e ruim, e outra aluna fingiu ser a monitora da professora, que também tinha uma fisionomia muito má e parecia ser muito dura. E tinham muitos veteranos na nossa sala se fingindo de calouros. A suposta professora já começou a aula brigando com todo mundo, passando muitos livros pra ler e grandes trabalhos. O primeiro trabalho que ela pediu tinha que ser em língua francesa e para a próxima aula, e nós ficamos todos com medo. Os veteranos que fingiam ser calouros ainda nos passavam medo falando que iam trancar a matéria, que estavam preocupados, que já tinham ouvido falar muito mal dos professores da UnB, porque eles eram muitos carrascos.

Eu fiquei morrendo de medo, pensei que não ia dar conta, até porque eu nem tinha noção como era a UnB, mas pensava que tudo era verdade, porque muita gente falava que lá é puxado e muito cobrado. Eu pensei, estou enrolada, como vou fazer um texto em francês, se a única língua que tinha domínio era o português. Eu fiquei com muito medo, pensei até em ir trancar a disciplina, mesmo sem saber como era, mas como eu vi todo mundo falando eu pensei o mesmo. Depois de muito nos enganar e nos deixar com muito medo eles nos contaram a verdade e ficamos muito aliviados. Todo mundo riu e se divertiu depois que passou o susto. Ai foi muito bom, nós conversamos muito, fomos bem recepcionados, tiramos nossas dúvidas.

Durante a primeira semana de aula, foi a semana de recepção aos colouros, conhecemos os professores, mas não tivemos aula. Os veteranos nos receberam a semana toda, com brincadeiras, debates, dinâmicas. Foi muito bom. Essa semana foi boa porque conhecemos não só os professores, mas também alguns veteranos, e nossos colegas de classe. Ficamos sabendo um pouco da história de cada um, e através dos veteranos e professores, conhecemos um pouco sobre a UnB e nosso curso.

No primeiro semestre foi tudo muito novo, mas uma disciplina que eu aprendi muito foi com Antropologia e Educação, com a Leila, uma excelente professora. Nos primeiros semestres tinha muita dificuldade para apresentar seminários, porque eu era muito tímida, mas com o passar dos semestres isso passou. Hoje vejo que apresentar um seminário ou um trabalho é algo tão simples, basta estudar e ter conhecimento do tema. Tivemos também no primeiro semestre o Projeto I, que nos ajudou muito a conhecer a UnB. Outra disciplina que aprendi muito e esclareceu meus conceitos a cerca da educação especial foi a disciplina “O Educando com Necessidades Educacionais Especiais”, com a professora Edeilce Buzzar, uma ótima professora.

No terceiro semestre eu cursei o Projeto II, que foi extremamente importante para conhecer sobre o meu curso, sua identidade, e eu fiquei sabendo de muitas coisas, as quais eu nem imaginava. A meu ver, esses projetos são essências no curso de Pedagogia.

No quarto semestre eu conheci a professora Sônia Marise, na disciplina Sociologia da Educação. Foi uma disciplina muito significativa no meu currículo. Aprendi muito sobre a importância do comportamento humano e da sociedade no contexto da educação. E foi nessa disciplina que eu conheci o projeto de Economia Solidária. No final do semestre, a professora tirou todas as nossas dúvidas com relação aos projetos III, IV e V, e explicou com muita clareza como funcionava cada um, falou de alguns temas. E é claro, já nos convidou a participar do seu projeto, o de Economia Solidária. Quando ela explicou sobre o seu projeto, já fiquei interessada, achei muito bacana, e pensei que seria uma boa proposta para o trabalho final.

No quinto semestre me matriculei no projeto III fase I (Economia Solidária e Educação) com a professora Sônia Marise, uma pessoa maravilhosa e excelente profissional. Desde quando cursei sociologia da educação, já fiquei admirada por ela e seu jeito de trabalhar. No projeto III eu já havia decidido a ficar com ela até o final, ou seja, até o projeto

V, onde seria ela minha orientadora, e ela já aceitou assim que fiz o pedido. No projeto III, nós fizemos muitos trabalhos, estudamos muitos autores, aprendemos muito sobre os princípios da Economia Solidária e começamos um trabalho em Santa Maria que durou por volta de um mês, e que tivemos que interromper devido às férias, mas que daria continuidade no próximo semestre. E esse trabalho foi iniciado com algumas pessoas que eram líderes de associações em Santa Maria – DF. Cursei também a disciplina “Educação de Adultos” (EJA), que teve um conteúdo muito rico. Antes de cursar essa disciplina eu não tinha nenhum interesse pela educação de adultos, mas depois ela despertou o meu interesse completamente para a EJA. Eu criei gosto por essa área. Comecei a ver essa modalidade de educação de uma forma muito diferente, da noção que eu tinha.

No sexto semestre ao matricular no projeto IV fase I decidi que meu estágio seria com EJA. Como a professora continuaria o trabalho em Santa Maria, e era com educação popular e educação de adultos, eu fiz o meu estágio lá. Foi uma experiência maravilhosa, nós fizemos um trabalho bem legal na Associação Atlética de Santa Maria, liderada por Amparo, que nos recebeu muito bem e fez muita questão do nosso trabalho, por isso decidimos ficar nessa associação, depois de todas as outras que conhecemos, já que algumas não estavam levando o trabalho muito a sério. Trabalhamos o semestre inteiro, durante os sábados pela manhã, e às vezes o dia inteiro. Além de trabalhar com as pessoas atendidas pela associação, lutando para trabalhar a economia solidária no contexto educacional com a população, trabalhamos também a infraestrutura da associação.

No sétimo semestre me matriculei no projeto IV fase II e decidi fazer a segunda fase do estágio em uma escola, porque ainda não tinha experiência com educação no contexto escolar. Nesse mesmo semestre passei em um concurso público para assistente de educação e fui trabalhar em uma escola de educação especial. Nessa escola há turmas que contemplam desde a educação infantil até o ensino médio, que corresponde à Educação de Jovens e Adultos (EJA), chamadas também de turmas de oficinas. Eu trabalhava com os alunos de ensino fundamental, mas vi que o trabalho com EJA era muito interessante, então perguntei à professora se podia fazer a segunda fase do meu estágio com essa turma. Ela disse que sim e me incentivou, disse que seria ótimo. Eu fiz, e realmente foi maravilhoso, foi uma experiência que considero única. Eu aprendi muito com eles. São jovens e adultos com necessidades educacionais especiais, mas que me ensinaram muito, me fizeram ver um outro lado da educação, uma outra maneira de educar, de ver a vida. Eu me apaixonei mais ainda

não só pela educação, mas também pela EJA. Fiz um trabalho muito legal com eles, e a professora da turma me ajudou bastante, foi muito bom. Nos divertimos muito, fizemos muitas atividades e oficinas juntos, muitas dinâmicas e brincadeiras. Eu tentei aplicar o máximo de tudo que eu sabia com eles, a respeito da economia solidária. Como eu não conhecia muito bem a turma nem os alunos, era uma ajuda mutua, eu os ajudava e eles me auxiliavam. Eu os ensinava e eles me ensinavam, eu aprendi até a fazer tapete com eles. Tivemos uma ótima relação e convívio.

Depois dessas duas experiências que vivi na educação de jovens e adultos e de tudo que aprendi com a economia solidária, e com a transformação que ela pode trazer para a sociedade em conjunto com a educação, eu não tinha mais dúvida de qual seria o tema da minha monografia. Então, eu escolhi falar sobre educação, economia solidária e educação de jovens e adultos, porque além de ser um tema rico e produtivo, contribui significativamente para minha formação não só como educadora, mas também como pessoa, o que é imprescindível para a conscientização e partir daí, contribuir para construção de uma nova sociedade.

SEGUNDA PARTE

MONOGRAFIA

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

CAPÍTULO 1

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Este capítulo trata de refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos e sua interrelação com a Economia Solidária, seus princípios, valores e perspectivas.

1.1 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil está muito ligada a Paulo Freire. O Sistema Paulo Freire, desenvolvido na década de 60, teve sua primeira aplicação na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. E, com o sucesso da experiência, passou a ser conhecido em todo País, sendo praticado por diversos grupos de cultura popular.

A Constituição de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos.

Nesse contexto, a EJA numa perspectiva ampliada abarca tanto a alfabetização e a educação básica de adultos quanto as atividades voltadas para a profissionalização, ressaltando que a origem e a trajetória de ambas é marcada no Brasil, por duas características: em primeiro lugar, a EJA sempre destinou-se aos subalternos da sociedade, ou seja, à classe trabalhadora; em segundo, ao longo da história ela se constituiu predominantemente em paralelo ao sistema regular de ensino. Esse quadro torna-se ainda mais perverso quando consideramos que uma imensa maioria foi e ainda é excluída até mesmo desta estrutura dual, aprofundando o caráter classista da sociedade brasileira.

Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) apontam que os objetivos da formação de pessoas jovens e adultas não se restringem à compensação de uma escolarização mal sucedida no passado, mas às múltiplas necessidades formativas que essas pessoas têm no presente e terão no futuro. E considerando-se tais necessidades e as especificidades desses jovens-adultos, as políticas de EJA devem ser necessariamente abrangentes, diversificadas e altamente flexíveis.

Ressaltando a trajetória da EJA, a década de 1930 caracterizou-se, no Brasil, pela perda da hegemonia pelos latifundiários cafeicultores e pela emergência da burguesia industrial brasileira. A estruturação do Brasil urbano-industrial e o projeto liberal-industrializante, sobrepondo-se às elites rurais, desenharam, de forma gradual, uma nova configuração da acumulação capitalista no País, no sentido da implantação de um núcleo básico de indústrias de bens de produção, bem como na redefinição do papel do Estado em matéria econômica, visando tornar o pólo urbano-industrial o eixo dinâmico da economia (MENDONÇA, 1985: 13). A nova situação, implantada a partir dos anos 1930, veio modificar profundamente o quadro das aspirações sociais, surgindo nesse processo novas exigências também no que tange à educação.

Em decorrência, inaugura-se um período marcado pelo surgimento de propostas para a educação da classe trabalhadora. Foi a partir da década de 1940 que o espaço específico da educação de jovens e adultos se delineou: “as ideias, as leis e as iniciativas que se consolidam configuram uma situação inteiramente nova. Até então, registravam-se alguns esforços locais, mas na década de 40, cogita-se uma educação para todos os adolescentes e adultos analfabetos do país” (BEISIEGEL, 1982: 177).

Por volta do final dos anos 1940 e início dos anos 1950, cerca de 55% da população brasileira maior de 18 anos era constituída por analfabetos. Foi nesta ocasião que a UNESCO liderou o movimento a que já nos referimos, de estímulo à criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos, principalmente nas regiões consideradas *mais atrasadas* do país, elaborando o conceito de educação funcional (LEAL, 1985).

As reformas do ensino primário e médio, que a promulgação das Leis Orgânicas efetiva, fez com que o ensino técnico-profissional passasse a ser organizado segundo as áreas da economia (ensino industrial, ensino comercial e ensino agrícola). Pode se afirmar que essas reformas representaram o início da transferência de responsabilidades da qualificação dos trabalhadores do Estado para os empresários, que de alguma forma, permanece até hoje.

Era marcante nos grupos e movimentos que pensavam uma sociedade alternativa para o Brasil, e que ganharam força nessa época, a concepção da educação como instrumento de transformação da estrutura social, cujo objetivo deveria ser o de formar pessoas conscientes. Muitas atividades de educação de adultos desenvolvidas na época não pretendiam mais se prestar à simples formação de um eleitorado acrítico. Uma forte

politização do tema do analfabetismo ocorre, assim, a partir do início dos anos 1960, em conexão com a intensificação do debate político. As atividades de educação propostas serviam como uma espécie de catalisador da ação político-cultural de parcelas significativas de intelectuais e estudantes.

No período de 1960 a 1964, parte do interregno histórico entre o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura civil-militar (1964-1981), no cerne de uma crise de hegemonia da classe dominante e num momento em que se verificam movimentos de ascensão política dos trabalhadores, confrontam-se duas concepções de educação de adultos: uma que a percebe como educação libertadora, como *conscientização*; e outra entendida como educação funcional, isto é, treinamento de mão-de-obra para torná-la mais produtiva, útil ao projeto de desenvolvimento nacional dependente.

Desde o início da década de 1960, Paulo Freire e sua equipe, no Movimento de Cultura Popular do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, vinham ganhando expressão com suas experiências de alfabetização de adultos, que se diferenciavam das demais, em especial, pela “afirmação da necessidade de buscar os conteúdos da educação do povo nas condições reais de existência do homem comum” (BEISIEGEL, 1982: 165). Ao contrário das práticas tradicionais de alfabetização, voltadas prioritariamente para o aprendizado instrumental, o grupo representado por Paulo Freire muda o foco para o sentido da aprendizagem na vida das pessoas. Assim, a partir da compreensão da educação e da alfabetização como expressões culturais, Paulo Freire contribuiu para a produção de um novo arcabouço conceitual e uma nova postura epistemológica para os processos de alfabetização e educação popular.

De 1964 até meados de 1980, as experiências no âmbito dos movimentos sociais são proibidas e substituídas por iniciativas centralizadas pelo governo federal. Os acordos MEC-USAID encerram a fase dos movimentos de educação e cultura popular. O tecnicismo e o economicismo na educação, principalmente por meio da difusão da Teoria do Capital Humano, serão as marcas das experiências implementadas no período. Num primeiro momento, o governo autoritário substituiu o PNA pela Cruzada da Ação Básica Cristã (Cruzada ABC). Depois, implementou com muito mais amplitude e raio de ação, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral); o Ensino Supletivo cresceu e ganhou legitimidade.

A LDB de 1961 foi apontada como incapaz de responder às exigências do desenvolvimento do País. Já a Lei nº 5692/71 significou a materialização desse processo, que culminou com a alteração da lei anterior e trouxe a regulamentação da EJA. Pela primeira vez, uma legislação específica organizou ensino de jovens e adultos em capítulo próprio, diferenciando-a do ensino regular básico e secundário, abordando, inclusive, a necessidade da formação de professores especificamente para ela, e trazendo avanços significativos para a EJA. Na verdade, apesar de ter sido elaborada no auge do período de ditadura civil-militar, esse instrumento legal, contraditoriamente, representou a ampliação, em nível legislativo, das oportunidades educacionais. No ano seguinte, 1972, dois documentos – Política para o Ensino Supletivo e o Parecer nº 699/72. Dois anos depois, foram criados pelas secretarias estaduais de educação os Centros de Estudos Supletivos (CES).

Foi assim, no interior de reformas autoritárias e no ápice do processo de modernização conservadora que o Ensino Supletivo ganhou estatuto próprio. Diante disso, há quem considere – e não são poucos – que, oferecendo o Mobral e o Ensino Supletivo, os militares buscaram reconstruir, através da educação, sua mediação com os setores populares. O Mobral não parou de crescer durante toda a década de 1970 e, ao longo dos seus 15 anos de existência, gozou de enorme autonomia, estabelecendo sua estrutura em paralelo aos sistemas de ensino existentes. Perdurou durante todo o período da ditadura militar. Só mais tarde, em 1985, já no início da chamada Nova República, após 20 anos de regime militar, o Mobral foi extinto e transformado na Fundação Educar. Apesar de o MEC apresentar-se com um discurso favorável à Fundação, gradativamente foi-se percebendo um processo de desmonte, até seu fechamento, em 1990, no governo de Fernando Collor de Mello.

Novas teorias educacionais estiveram presentes na década de 1980, contrapondo-se à Teoria do Capital Humano e buscando superar a linearidade da relação entre trabalho e educação que vinha perpassando as iniciativas educacionais da classe trabalhadora, delineando novos rumos para esta. Nesse horizonte, sob a ótica marxista de abordagem dos fenômenos educacionais, apontando o trabalho como categoria central, e na perspectiva de uma escola unitária, surgem propostas, como a da teoria histórico-crítica e da educação politécnica. Pode-se afirmar que, de uma forma geral, buscava-se uma educação voltada para a formação do cidadão crítico numa perspectiva omnilateral: expressava-se a luta contra-hegemônica no debate educacional e a influência do pensamento progressista, não tanto no

âmbito da prática educativa, mas, principalmente, no campo das discussões teóricas, ao longo da década de 1980.

Nos anos 1990, tendo como lógica que à escola cabe o "desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva" (Art. 39), a nova LDB (Lei nº 9.394/96) reservou um espaço privilegiado para a educação profissional, considerada como um fator estratégico de competitividade e desenvolvimento humano na nova ordem econômica mundial. No que tange à EJA, pode-se dizer que também ela teve um lugar de destaque, sendo contemplada com um capítulo próprio na nova lei, cujo conteúdo, entretanto, sofreu um claro retrocesso em relação à Constituição de 1988, principalmente pelo fato de referir-se à EJA como "cursos e exames supletivos" (Art. 38), retornando à concepção de educação compensatória.

Observa-se, no final da década de 1990, que o atendimento pela EJA ocorre basicamente de forma descontínua e diversificada: entre as diversas experiências, existem ações desenvolvidas tanto no âmbito dos poderes públicos quanto da sociedade civil. As ações governamentais vinculam-se ao Ministério da Educação (principalmente, ações ligadas às secretarias municipais e estaduais de educação, dependendo das prioridades de cada administração); ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA); e ao Ministério do Trabalho (Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador – PLANFOR). Aquelas desenvolvidas no âmbito da sociedade civil organizada apresentam uma diversidade ainda maior: iniciativas vinculadas às representações de empresários (Sistema S, Telecurso 2000 etc.); ao Movimento Sindical, com experiências desenvolvidas por centrais, confederações e sindicatos (Integrar, SEMEAR, Integração etc.); as demais representações de trabalhadores, como, por exemplo, experiências de EJA desenvolvidas pelo Movimento dos Sem-Terra – MST; e, além dessas, a outras tantas, traduzidas nos mais diferentes projetos desenvolvidos por universidades privadas, ONGs, instituições religiosas etc.

Ao examinarmos cuidadosamente a EJA na década de 1990, percebemos um duplo processo de exclusão: um, construído historicamente pela descontinuidade e falta de efetivo compromisso com a modalidade, ao longo de sua trajetória; e outro, decorrente do processo de globalização e da forma excludente de apropriação das novas tecnologias e das novas formas do processo de trabalho. Segundo RUMMERT (1998), a esse quadro soma-se ainda o que se pode chamar de uma nova etapa de desqualificação, decorrente do caráter evasivo da

legislação, da falta de vontade política e da atitude negativa por parte de alguns intelectuais em relação à educação de jovens e adultos.

Buscamos evidenciar que a educação de jovens e adultos trabalhadores ocupou nas décadas de 1980 e 1990 um lugar secundário no interior das políticas do MEC: a insuficiência de ações por parte deste Ministério possibilita-nos afirmar que não havia uma preocupação específica e, muito menos, uma proposta eficaz para o enfrentamento do problema da baixa escolaridade da População Economicamente Ativa (PEA) brasileira. O esvaziamento no Ministério da Educação de políticas efetivas para a escolarização de jovens e adultos fez parte de um único projeto, pelo qual se deslocou uma parcela significativa deste tipo de atendimento para o Ministério do Trabalho. Pelo que se viu, ao longo dos anos 1990, até 2000, a nova identidade com que a EJA se apresenta é bastante heterogênea, fragmentada e complexa; sua marca parece estar na difusão de que as pessoas devem buscar, na educação, competências e habilidades que as dotem da possibilidade de empregabilidade. Esta concepção pauta-se pelo horizonte individualista e da submissão, e se expressa na ideia de que *ser educado é ser empregável*.

É preciso considerar que o atual governo federal, ainda que com percebidos avanços quanto ao lugar ocupado pela EJA na agenda política da União, não rompeu com a concepção de educação de jovens e adultos elaborada no bojo das reformas neoliberais do Estado e da educação no país na década de 1990, cuja execução se materializa no desenvolvimento de fragmentadas ações/experiências desenvolvidas sob a lógica da parceria conciliatória e no desenvolvimento de programas, em geral, pulverizando recursos e sobrepondo ações. Nesse sentido, o vasto “cardápio” de programas e projetos atuais (Programa Brasil Alfabetizado, Projovem, Proeja, entre outros) não se constituíram em uma política pública de Estado com efetividade social para reversão do cenário acima apresentado.

Em janeiro de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo governo federal. Para isso, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta é erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuirá com os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos que desenvolvam ações de alfabetização.

Como o Programa está em andamento, não foi possível, ainda, afirmar se o objetivo pretendido foi alcançado. Mas é preciso que haja continuidade das ações governamentais,

porque os resultados seriam muito melhores se houvesse seguimento nos programas já implantados, pois evitaria perda de tempo e de dinheiro na criação de novos programas, como vem acontecendo ao longo dos anos: muda o presidente, mudam os programas. Deve haver, também, a ligação do programa de alfabetização com outros programas governamentais ou não, como é o caso do bem sucedido programa Alfabetização Solidária. Que é hoje indiscutivelmente um programa de relevância quando o assunto é alfabetização de jovens e adultos.

A Educação de Jovens e Adultos deve ser tratada juntamente com outras políticas públicas e não isoladamente.

Mesmo reconhecendo a disposição do governo em estabelecer uma política ampla para EJA, especialistas apontam a desarticulação entre as ações de alfabetização e de EJA, questionando o tempo destinado à alfabetização e à questão da formação do educador. A prioridade concedida ao programa recoloca a educação de jovens e adultos no debate da agenda das políticas públicas, reafirmando, portanto, o direito constitucional ao ensino fundamental, independente da idade. Todavia, o direito à educação não se reduz à alfabetização. A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras políticas. Afinal, o mito de que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde. (Vieira, 2004, p. 85-86).

Apesar do grande número de analfabetos (14 milhões segundo o IBGE) e das dificuldades enfrentadas pela EJA ao longo da trajetória percorrida, seu objetivo é permitir o acesso de todos à educação, independente das diferenças que cercam esse grupo. Além da necessidade das políticas públicas para erradicar o analfabetismo, é preciso que todos colaborem para a inclusão desses sujeitos, porque a educação é direito de todos.

Assim, pensar sujeitos da EJA é trabalhar para, com e na diversidade. A diversidade é constituída das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros – mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afro descendentes, descendentes de portugueses e de outros europeus, de asiáticos, de latino-americanos, entre outros. A diversidade que constitui a sociedade brasileira abrange jeitos de ser, viver, pensar e agir que se enfrentam.

Entre tensões, entre modos distintos de construir identidades sociais e étnico-raciais e cidadania, os sujeitos da diversidade tentam dialogar entre si, ou pelo menos buscam negociar, a partir de suas diferenças, propostas políticas, que incluam a todos de EJA, voltadas à formação humana que passam a entender quem são esses sujeitos e que processos político-pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades, desejos, resistências e utopias.

Esses sujeitos da aprendizagem na educação popular são os trabalhadores com trabalho e emprego precarizados. Esse grupo é vetor de um dos estudos da Economia Solidária no Brasil.

1.2 Economia Solidária e Educação

Segundo SINGER (2002), a Economia Solidária (ES) propõe ser um meio de geração de renda e trabalho, favorecendo a inclusão social e como uma alternativa ao sistema capitalista. Na Economia Solidária as pessoas poderão comprar, vender, reproduzir sem explorar ou serem exploradas, sem levar vantagem sobre os outros, de forma mais justa e em cooperação com o próximo.

De acordo com o site do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), compreende-se por economia solidária o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão. Considerando essa concepção, a Economia Solidária possui como marcos sociais a cooperação, a autogestão, a dimensão econômica e a solidariedade.

A cooperação busca a existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária.

Na autogestão os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc.

A dimensão económica, uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo.

E a solidariedade, onde seu caráter nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

No que diz respeito à definição do conceito da Economia Solidária (ES), esta perpassa por acepções variadas, mas, de acordo com Singer, todas giram em torno da ideia de solidariedade em contraste com o individualismo competitivo (SINGER, 2003).

De acordo com o site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), a ES é “fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas económicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária”. Neste contexto, é enfatizada a importância dos valores culturais, que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade económica.

A I Conferência Nacional de Economia Solidária reverte à lógica capitalista ao se opor a exploração do trabalho e dos recursos naturais, mediante emergência de um novo ator social composto por trabalhadores associados e consumidores conscientes. Mas entre todas as definições teóricas da ainda incipiente "Economia Solidária" há pelo menos uma unanimidade: ela se apresenta como uma nova estratégia alternativa de luta contra o desemprego.

A Economia Solidária tem representado uma nova forma de se organizar enquanto trabalhadores e um empenho coletivo de se manter ou de se inserir (quando excluídos) no mercado e na sociedade. Nos últimos anos, principalmente nos países emergentes, tem crescido os movimentos sociais de empreendimentos económicos populares e de redes associativas. Este crescimento é tanto quantitativo como qualitativo, e não é apenas o resultado da reação espontânea dos trabalhadores à crise do trabalho assalariado, mas também

da ação de agências de fomento a este novo tipo de mecanismo produtivo (Tiriba, 2001). Agências – públicas e ONGs – que apostam em uma nova economia moral das multidões e na criação e o fortalecimento de uma economia, cuja cultura do trabalho contrarie a própria lógica do capitalismo.

A Economia Solidária tem como princípio o cooperativismo que se baseia na solidariedade. Isto introduz em níveis crescentes e qualitativos a solidariedade nas atividades, nas organizações e nas instituições econômicas, tanto a nível empresarial como nos mercados e nas políticas públicas. Incrementa a eficiência micro e macroeconômica a fim de gerar um conjunto de benefícios sociais e culturais que favoreçam a todos. É também uma resposta real e atual aos graves problemas sociais de nossa época. Vista como um projeto de desenvolvimento e transformação e aperfeiçoamento da economia de mercado.

Mas a economia solidária não é só um projeto utópico distante do dia a dia. Para Tiriba (2001) ela tem cor, gosto e é algo que se pode pegar e abraçar. Tem vida. Portanto, não é uma construção secular apenas perceptível nos livros acadêmicos. Ela está na rua desde que o mundo é mundo.

Pensando na lógica do capitalismo, como afirma Mészáros (1981:273), a educação tem duas funções principais na sociedade capitalista: Primeiro, a produção das qualificações necessárias ao funcionamento da economia; segundo, a formação de quadros e a elaboração dos métodos para um controle político. Esta função social é incorporada aos objetivos da escola e repassada às práticas de avaliação, e passa a fazer parte da própria organização do trabalho pedagógico. Para Tragtenberg (1982), as funções da educação em nossa sociedade incluem, mais especificamente, excluir e subordinar os estudantes. Que a escola seja espaço de lutas, que haja resistência às suas funções, em nada muda as intenções da sociedade atual. Pior ainda recusarmo-nos a entendê-las.

Segundo Freitas, Sordi, Malavasi (2009) numa sociedade em que a mola propulsora é a competitividade, o conhecimento vira uma arma ou, como se diz, uma vantagem competitiva. O domínio do conhecimento passa a ser o foco da escola para que seus estudantes possam ser bem sucedidos. O conhecimento perde seu valor de uso e transforma-se em experiência de aprendizagem do valor de troca de “mercadorias”. O conhecimento vira mais uma mercadoria.

Assim, diferente do sistema capitalista, que usa a educação como investimento para o seu próprio bem, temos a economia solidária que se opõe a esse sistema, e busca uma nova alternativa para os que não tiveram a mesma oportunidade financeira de alcançar seus objetivos ou foram menos favorecidos pela vida. E nesse contexto, a educação interage com a economia solidária e passa a ter um novo sentido, agora para o bem social, e não mais individual, onde todos podem ganhar e perder em igualdade e não há mais superiores e subordinados, todos tem os mesmos direitos e deveres, e lutam com o mesmo objetivo, em sociedade e solidariedade uns com os outros. Nesse sistema todos aprendem e ensinam. Assim, de acordo com Kruppa:

A Economia Solidária tem que entrar na educação como fez a economia capitalista, que embebeu o conjunto das instituições no seu fazer, porque não é só a produção capitalista em si que deve ser mudada, é a produção e a reprodução da vida que devem estar pautadas por novos valores. A Economia Solidária é meio de um contexto social que propõe a igualdade de condições e o direito à diferença. Igualdade de condições que elimina a sociedade hierárquica, propondo uma sociedade marcada por relações democráticas, onde as diferenças entre os indivíduos possam acontecer sem gerar desigualdades. É, portanto, uma economia com defesa da igualdade e da inclusão de todos, não postulando, contudo, a defesa do idêntico. Uma economia que considera que as pessoas são diferentes e devem ter espaço para o exercício de suas diferenças. (KRUPPA, 2005, p. 27).

A economia solidária busca trazer por meio da educação uma melhora na qualidade de vida das pessoas, especialmente dos que são explorados por sua força de trabalho. Ela procura mostrar às pessoas que seus valores, que o valor do trabalho tem muito mais importância que o capital, ela traz diversas alternativas para conscientizar e incentivar as pessoas a conseguir sua subsistência ou qualidade de vida sem ser explorado e sem precisar vender sua força de trabalho. Apesar de viver em um mundo capitalista, ela luta para mostrar que se tem outro meio de viver e muito melhor, trazendo assim esperança e expectativa de vida para grande parcela da população. Assim, a educação inspirada nos princípios da economia solidária busca uma nova sociedade, um novo modo de produção da vida.

Enquanto o capitalismo usa a educação como um recurso a mais para acumular riqueza, dominar as pessoas e o poder, a economia solidária preocupa-se não apenas com a fonte de renda das pessoas, mas principalmente, com as relações entre elas, o meio ambiente, o planeta. Por meio de práticas educativas, a economia solidária luta e acredita na busca por um país democrático, onde os sujeitos podem construir sua autonomia, como mostra Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia*. Onde cada um pode ser autor e construtor de sua

própria história e cultura. Com uma educação/formação que defende o respeito à vida e ao próximo, a dignidade humana, a afetividade, a sensibilidade, a igualdade de direitos, abre-se espaço para uma economia de solidariedade, onde o objetivo é formar sujeitos críticos reflexivos que busquem por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. E que o respeito ao próximo em todas as suas diferenças, sejam elas raciais, religiosas, sexuais, de gênero ou ideológicas.

1.3 Pensando a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Economia Solidária

Para Arruda (2005), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é coisa de países pobres ou empobrecidos. Ela existe porque existem excluídos, porque existem crianças cujo direito à educação foi negado pela própria condição de terem que usar sua infância para trabalhar. Com pouco ou nenhum estudo, jovens e adultos trabalhadores ficaram limitados a ocupações informais ou ao subemprego, ou são os primeiros a serem demitidos quando as empresas querem cortar custos. Até que vem a EJA oferecer alguma formação.

O cenário do desemprego estrutural tem excluído principalmente esses sujeitos da economia capitalista mundial. Ao mesmo tempo em que isso acontece, essa situação tem levado os setores populares a resistir e a desenvolver formas alternativas de geração de trabalho e renda para garantir a estes sujeitos desempregados sustentabilidade e sobrevivência. Ou seja, os setores populares têm constituído iniciativas econômicas como resposta a este cenário. Origina-se e reforça-se aí a possibilidade de construção de um novo vínculo entre a educação e o trabalho, pois certamente, podemos traçar e conceber outra perspectiva para o trabalho pedagógico na EJA e na educação em geral que não represente uma relação direta entre a conexão da educação decorrente de um novo trabalhador, formado a partir das mudanças do mundo do trabalho capitalista.

A crise do emprego nos leva, portanto, a refletir sobre a existência de outros mundos do trabalho que não somente o assalariado. Do mesmo modo que outros processos de produção existem que não somente o modo capitalista. O trabalho cooperativo, inserido na chamada Economia Solidária, vincula-se à noção do coletivo, da solidariedade, da autogestão, porque, teoricamente, é gerido com a participação igualitária de todos os membros, que detêm o mesmo poder decisório e igualdade na apropriação dos resultados do trabalho. Como observado, esse movimento pode revelar-se em uma ação caracterizada como contra-corrente, como contraditória às relações sociais evidenciadas na sociedade, como

oposição à cooperação subordinada, e está de acordo com as bases pedagógicas construídas a partir de uma educação popular e emancipatória.

Nesse sentido, uma educação que valoriza a palavra do educando e os seus saberes de vida e do trabalho como fundamentais no processo de formação integral e trabalha com o espírito de solidariedade e cooperação contribui para o que Tiriba (2004) ressaltou: a possibilidade de se superar o vínculo da formação do trabalhador somente para o mercado globalizado, assalariado, excludente e altamente competitivo. E mais, são práticas que “[...] expressam um fazer pedagógico comprometido com a crítica à concepção utilitarista da educação como fator de produção” (TIRIBA; PICANÇO, 2004, p. 27). Isso contribui também para romper com a lógica de que nascemos para vender a nossa força de trabalho assalariada, como se está fosse a única forma de trabalho existente.

Na Economia Solidária convivem diversas formas de propriedade e de gestão, mas todas elas são vinculadas a não exploração do trabalho humano, à garantia de acesso por todos aos bens públicos que pertencem ao domínio coletivo, e a relações harmônicas com o meio ambiente. A Economia Solidária resulta do fracasso do sistema do capital em realizar os anseios mais profundos do ser humano. Mas resulta, também, do fim da ilusão de que um Estado constituído por um só partido, que se diz o dono da verdade, é portador de todas as soluções aos problemas da produção e reprodução sustentável da vida humana.

Segundo Arruda (2005), a Economia Solidária promove o "consumo ético", "crítico" e "solidário". Cada habitante busca o atendimento das suas necessidades na partilha dos bens, e não na apropriação privada deles à exclusão dos outros. A Economia Solidária promove a "produção autogestionária dos bens e dos serviços". Cada pessoa que trabalha nessa produção tem o direito de participar da posse e da gestão do empreendimento produtivo, e o que lhe dá esse direito não é a quantidade de cotas que possui, mas o fato de contribuir com seu trabalho para o produto coletivo. A Economia Solidária promove as "trocas solidárias" com base na busca do ganho para o produtor e para o consumidor. Em outras palavras, ela transforma as trocas numa relação em que todos ganham. Para isso, ela propõe uma diversidade de modos de trocar bens e serviços, e não apenas o jogo do mercado. A Economia Solidária também promove "finanças solidárias". Seu princípio é que os recursos financeiros gerados pela população têm que servir à população.

A Economia Solidária promove a educação não como fim em si, mas como via de empoderamento dos educandos para tornarem-se gestores competentes dos seus empreendimentos cooperativos e sujeitos do seu próprio desenvolvimento pessoal, comunitário e social. Chamo-a de Educação da Práxis. Essa educação identifica-se pelas práticas conscientes da cooperação e da solidariedade no modo de ensinar e aprender e também nas relações entre educandos, entre esses e os educadores, e entre educadores. É uma educação centrada numa concepção não dogmática nem doutrinária do conhecimento, que se estriba na pesquisa e no diálogo como métodos essenciais da construção do conhecimento. Essa educação integra de maneira dinâmica e complementar o ato de conhecer e o ato de trabalhar.

Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* retrata muito bem a atual situação da sociedade com relação ao sistema capitalista, como tem sido a relação entre oprimidos e opressores, ou seja, entre os que só detêm força de trabalho sendo oprimidos pelas pessoas que detêm capital e poder. E assim como Freire, a economia solidária acredita na educação como meio de conscientização para libertação das pessoas que vivem sob esse sistema opressor. Assim, o grande destaque para a superação da situação é trabalhar a educação como prática de liberdade, ao contrário da forma “bancária” que é prática de dominação e produz o falso saber, ou seja, aquele incompleto ou sem senso crítico. E refletindo sobre o contexto do EJA, que é um público alvo desse sistema, a educação deve ser problematizadora, onde a realidade do educando é inserida no contexto educativo, sendo valorizado o diálogo, a reflexão e a criatividade, de modo a construir a libertação.

Uma sociedade com pessoas que não se submetem à opressão, com uma educação mais humana e revolucionária, onde além de amor, humanidade e fé, haja também um senso crítico, investigativo, reflexivo, e o educando seja sujeito do seu pensar, da sua história, comprometido com sua ação no mundo, aí haverá uma nova economia e uma nova sociedade. E pensando no EJA, Freire destaca ainda a importância dos educadores assumirem uma postura revolucionária, passando a conscientizar as pessoas da ideologia opressora, motivando-as a transformar as realidades a partir da união e da organização, instaurando o aprendizado da pronúncia do mundo, onde o povo diz sua própria palavra e conseqüentemente age para seu próprio modo de produção com qualidade de vida, como anseia a economia solidária.

Portanto, de acordo com Vivian (1999), a aproximação entre os eixos investigativos: educação de jovens e adultos e uma alternativa de geração de trabalho e renda reflete-se como possível e capaz de construir novas bases para a educação. Essa aproximação é um caminho para a transformação, ou seja, uma nova possibilidade de se formar uma relação entre a educação e o trabalho, fundamentando a economia e as relações sociais como trajeto possível para a construção do conhecimento e a superação do trabalho como mercadoria precarizada. E essa relação se traduz como um movimento que colabora na formação humana do sujeito, pois uma educação que procura desenvolver a autonomia intelectual, moral e social é uma educação comprometida com uma prática emancipatória e com um projeto democrático de sociedade.

A partir dos estudos relacionais entre EJA e Economia Solidária, apresento algumas experiências pedagógicas proporcionadas na formação pedagógica do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 Experiência 1: Escola de Ensino Especial Eugênia Campos Coelho (GO)

Meu projeto IV (Economia Solidária e Educação) foi com a professora Sônia Marise. Ele é composto por duas fases, e uma delas realizei na Escola Municipal de Ensino Especial Eugenia Campos Coelho. A escola é uma instituição de ensino pública que, apesar de se localizar em Luziânia, tem estudantes vindos também de seus arredores, como Jardim Ingá e Ocidental. Ela se localiza em uma área afastada do centro da cidade, e para seu acesso é necessário utilizar transporte. Como os alunos são todos com necessidades especiais, a Escola conta com três ônibus adaptados que a Prefeitura oferece, para transportar não só os alunos, mas também funcionários.

A escola tem 144 alunos e todos estudam no turno matutino. Há alunos de 6 a 60 anos de idade. As turmas são divididas por fases: a fase I é para alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental, a fase II para alunos do segundo ciclo e a fase III para alunos de oficinas (educação de jovens e adultos).

A escola possui quatro turmas de educação de adultos, todas no turno matutino. São todas chamadas de fase III (oficinas). Os alunos dessas turmas têm acima de 16 anos até aproximadamente 60. O trabalho com EJA existe desde quando a escola surgiu, em 1988. No começo era apenas uma turma, mas devido a grande demanda de alunos, agora são quatro turmas.

Há em média 12 alunos por sala, e apenas um professor fica responsável por cada uma dessas turmas. Além de serem ensinados por meio do programa neurocognitivo, eles têm um trabalho muito bonito, relacionado aos objetivos da economia solidária. E em cada turma é desenvolvido um tipo de trabalho. O trabalho é feito em conjunto: alunos e professores.

Os alunos da turma “A” trabalham com a horta, na horta eles não só plantam as verduras, como cuidam, tratam, para depois colher e vender. A turma “B” trabalha com tapetes, também passam dias fazendo, para depois de pronto vender. A turma “C” trabalha com panos de prato, a professora faz o desenho e eles pintam. E a turma “D” trabalha com

toalhas, além de bordarem, eles fazem moldes de toalha de rosto. Todos são para venda e mostram o grande trabalho que esses jovens e adultos fazem e também o valor do que cada um faz.

O trabalho é muito enriquecedor, eu tive oportunidade de acompanhar os trabalhos de todas as turmas, e vi como eles sentem alegria e prazer no que fazem. Eles tinham o maior orgulho em mostrar seus trabalhos. Eu fiquei admirada, porque realmente é muito bem feito. Há até quem duvide que o trabalho seja de adultos com necessidades educacionais especiais.

E o objetivo não é só arrecadar dinheiro, tem todo um contexto para colaborar no processo de ensino-aprendizagem do aluno, uma das professoras me explicou detalhadamente. A horta, por exemplo, é feita com garrafa descartável de todas as cores e em formato de uma pessoa, e ao redor tem formatos também de círculo, de quadrado, de retângulo. Daí, além disso, é trabalhada a alimentação adequada. Os tapetes são feitos manualmente, é trabalhado também as cores, os tipos de materiais que utilizam, a coordenação motora, a agilidade. Os panos de prato, eles também trabalham as cores, as formas, a pintura, a concentração. Nas toalhas trabalham a escrita, o desenho, a atenção, a criatividade.

Todos esses trabalhos, depois de prontos são vendidos. Com relação aos produtos da horta, uma parte é retirada para consumo dos alunos e funcionários, outra parte é vendida. Os panos de prato, tapetes e toalhas também são todos vendidos aos funcionários da escola, aos pais dos alunos. Os professores também vendem para seus conhecidos e os alunos também levam para casa para ajudar a vender. Tudo é feito durante todo o semestre, e no final, é somado tudo que foi vendido, uma parte vai para a escola, e a outra é dividida entre os alunos, conforme o que cada um trabalhou. O que é muito importante, porque esses educandos não trabalham, muitos passam até necessidade em casa, e com isso eles sentem-se úteis, podem ter um dinheiro para comprar algo que necessitem e que talvez não ganhem, ou até mesmo podem ajudar em casa.

Nesse contexto, podemos ver claramente os princípios da economia solidária, como a cooperação, onde vemos alunos, professores e direção com interesse e objetivos comuns, trabalhando em prol da mesma coisa, porque vemos, por exemplo, os esforços de todos os participantes para a venda do trabalho, que foi produzido em equipe, lembrando ainda aspectos da autogestão. E também a solidariedade, porque o resultado alcançado, ou seja, o

dinheiro de todo o trabalho é distribuído justamente entre os participantes. O caráter da solidariedade nesse trabalho é pensado ainda como oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e de melhora de condições de vida. Outro aspecto que merece destaque é o respeito à diferença entre todos, que é um dos valores indiscutíveis para uma sociedade melhor e mais justa. Porque como cita Kruppa (2005, p.27), precisamos de uma economia que considera que as pessoas são diferentes e devem ter espaço para o exercício de suas diferenças.

Assim, a partir do conhecimento da escola e das turmas, optei estagiar em uma das turmas da fase 3 – oficinas (Educação de Jovens e Adultos). A turma escolhida tinha como professora, a pedagoga Suely. E conta com 12 alunos frequentes, sendo 6 homens e 6 mulheres, de 16 a 60 anos de idade. Os alunos moram em lugares bem diversificados e só se conhecem da escola. Suas necessidades educacionais são bem diferentes, cada um tem um tipo de diagnóstico. A maioria usa a fala para se comunicar, os que não falam se comunicam por meio de gestos. Todos têm algum retardo na aprendizagem. Alguns são alfabetizados, sabem ler e escrever, outros não, só participam das oficinas. Eles participam de tudo que é proposto. Respeitam muito o professor, e sabem a hora de cada coisa.

No primeiro dia fui muito bem recebida, assim que entrei na sala eles já se apresentaram de forma muito comunicativa e com grande carisma. São alunos muito aflorados para o tema da sexualidade, e o primeiro assunto deles foi namoro.

Com o passar do tempo, fui percebendo como são carentes, não só financeiramente, mas afetivamente também. Eles são extremamente carinhosos, humildes e, em grande parte, inocentes como crianças. A minha presença não atrapalhou em nada no desenvolvimento das aulas, pelo contrário, houve grande interação entre nós.

A turma é bem tranquila, os alunos são educados e agradáveis, mas gostam muito de andar e tem certa dificuldade para permanecerem sentados. Ficam muito eufóricos na hora do lanche e comem muito. Eles são sempre passivos, fazem praticamente tudo somente no comando do professor. Mas gostam muito de participar de tudo que é proposto. Alguns trabalham ajudando os pais em casa ou até mesmo em algum comércio da família, e recebem por isso. Sentem-se muito úteis pelos trabalhos realizados.

Há também uma cota de dez vagas para alunos que queiram trabalhar na escola, ajudando nos serviços de limpeza ou auxiliando nas salas com os alunos menores. E estes

alunos recebem do governo um salário mínimo pelo serviço que prestam. Muitos pais querem essas vagas para seus filhos, mas o conselho escolar é quem decide qual aluno ficará com a vaga, de acordo com o que tem mais necessidade. Apesar desses alunos não serem cobrados para cumprir o serviço, eles trabalham bastante, mas porque gostam.

A partir das condições e realidades observadas, me interessei como pedagoga a trazer alguma contribuição, realizando assim oficinas ao longo do semestre, pensadas a partir do contexto e da necessidade dos alunos, e orientadas pela professora da turma.

A primeira oficina trabalhada foi com o tema “Respeito e amor à pátria (7 de setembro)”, cujo objetivo foi trazer ao aluno a responsabilidade de entender e respeitar o nosso país. Para o desenvolvimento da atividade, começamos perguntando o que é comemorado no dia 7 de setembro. Fizemos a leitura da letra do hino nacional, trazendo aspectos importantes para a discutirmos o tema.

Como estávamos na semana da pátria, resolvi trabalhar sobre nosso país. Eles sabem que nosso país é o Brasil, mas não tem muito conhecimento sobre o país. Então iniciei um diálogo com eles sobre o Brasil, falei um pouco da história, dos costumes, e eles começaram a se interessar e contar também coisas que sabiam. Falei sobre o hino nacional e mostrei como cantava. Como alguns gostam muito de escrever, pedi que copiassem a letra do hino em seus cadernos.

Trabalhei também o significado de algumas palavras desconhecidas do hino e outras que eles mesmos perguntaram o que era. Expliquei também sobre as cores da bandeira. No final coloquei o hino para cantarmos, eles não sabiam muito a letra, mas tentavam acompanhar da sua maneira.

A segunda oficina teve o tema “Cativar”, com o objetivo de levar o educando a perceber que somos responsáveis pelos outros. Para o desenvolvimento da atividade, trabalhamos com a música “Cativar” em cartaz, em seguida os orientamos a pintar o desenho da paz da turma da Monica e copiar a música.

Comecei trabalhando o significado da palavra “cativar”, mostrando que apesar da palavra algumas vezes nos lembrar algo triste, como cativo, não é assim, porque cativar pode ser algo bom e encantador, como quando alguém gosta de nós, quando conquistamos alguém, quando ganhamos a simpatia dos outros. E que devemos ser assim sempre, cativantes.

Coloquei a música para ouvirem também, e deixei que depois a conversa fluísse conforme a direção dos alunos. Alguns deram exemplos perguntando se isso era cativar, outros ficaram prestando bem atenção e outros simplesmente ficaram calados. Ao final, pedi aos que não sabiam escrever para pintar o desenho da paz, e aos que sabiam escrever que copiassem a letra da música. Todos gostaram, mas alguns participaram mais e falaram/gesticularam mais que outros.

A terceira oficina foi sobre o “Dia da Árvore”, com o objetivo de conscientizar o aluno sobre a importância da valorização e preservação da natureza. Para o desenvolvimento da atividade mostramos a importância da natureza, conduzindo um diálogo com o aluno conscientizando-o a respeito do tema, para refletir e mostrar em um desenho sobre o que apreendeu da aula.

Comecei falando sobre o dia da árvore, sobre a importância da natureza para todos os seres vivos e como é fundamental que todos colaborem para a preservação e valorização da natureza e do meio ambiente, porque só assim teremos um país melhor. Expliquei o porquê que para continuarmos vivendo temos que cuidar da natureza. E eles começaram a contar o que fazem para ajudar, falaram de coisas que já aprenderam, e continuei a conversa respondendo um monte de perguntas que fizeram.

Trabalhei também sobre as partes da árvore, sua estrutura, sua função. E no final pedi que fizessem um desenho sobre o que aprenderam. Eles ficaram bem concentrados no desenho, alguns desenhos ficaram muito bonitos, bem coloridos, outros não ficaram muito compreensíveis. Pedi ainda que escrevessem duas palavras que representassem o que eles precisam ter para contribuir com a preservação da natureza. Eles me sugeriram as palavras e eu as escrevi no quadro para que copiassem no desenho. Depois colocamos no mural da escola.

A quarta oficina foi o tema “Honestidade”, com objetivo de levar os alunos a entender o valor da honestidade. O conteúdo trabalhado foi com o conto “A semente da verdade”.

No primeiro momento perguntei aos alunos quem sabia o que era honestidade. A resposta mais elaborada que ouvi foi de um aluno de 37 anos, falando que tem honestidade quem não rouba de ninguém. Daí começamos discutindo a partir do que o aluno colocou, fui explicando melhor o conceito da palavra e eles foram entrosando na conversa. Conversamos por muito tempo, e a conversa rendeu bastante. Alguns chegaram a dizer o que uma pessoa

desonesta fazia, e consegui chegar ao ponto de dizer o que devemos fazer para sermos honestos e o que não podemos fazer.

Depois contei a história da semente da verdade, e eles ouviram com muita atenção, mas não deixaram de entrar no meio enquanto eu contava, eles sempre têm algo para contar ou uma resposta para dar em tudo que falamos. Depois que terminei a história, enfatizei a importância de sermos sempre honestos, não importando o que aconteça.

A quinta oficina foi “Valores: Aceitação de si mesmo e cuidados com o corpo”, com o objetivo de desencadear no aluno o amor por si mesmo e os cuidados higiênicos com o corpo. O conteúdo trabalho foi a História do Elefantinho Dedé, a ilustração dos desenhos em cartaz e a escrita da história.

Comecei trazendo o conceito de valores, enfatizando os valores que temos não só como pessoas, mas como alunos, como trabalhadores. Mostrando que todas as pessoas são importantes e que cada um tem seu próprio valor. Falei como somos diferentes uns dos outros, mas que mesmo assim temos a mesma importância e que ninguém é melhor ou pior do que ninguém, que devemos tratar todos iguais.

Em seguida, contei a história do Elefantinho Dedé, que traz a importância de valorizarmos tudo que Deus nos dá, e eles ficaram bem empolgados. Já começaram a falar e eu aproveitei para explicar como Deus é bom conosco e que devemos sempre agradecer por tudo que somos e temos. E que, além disso, devemos cuidar bem direitinho do corpo que Deus nos deu.

Como eles muitas vezes não têm uma higiene muito adequada com o corpo, fiz alguns cartazes mostrando alguns objetos como, escova de dente, sabonete, bucha, shampoo, creme de pele, desodorante, papel higiênico, mostrando porque e como devemos usá-los. Muitos já sabiam muitas coisas, mas mesmo assim vejo que eles têm dificuldade para colocar isso em prática, porque temos sempre que pedir que lavem as mãos, que escovem os dentes, que usem papel higiênico, mas como são bem obedientes, acredito que se for trabalhado com paciência ao longo do ano eles aprendem bem.

A sexta oficina trabalhada foi “Alimentação saudável”, com o objetivo de conscientizar os alunos sobre uma alimentação saudável. Para desenvolvimento da atividade começamos com um diálogo sobre a alimentação, colocando um mural de alimentos

saudáveis e não saudáveis, trouxemos um receita de patê e fizemos um piquenique com os alunos, só com alimentos naturais.

Comecei perguntando quem sabia quais alimentos faziam bem a saúde e quais faziam mal. Apenas 2 ou 3 responderam. Dei continuidade falando sobre a importância de comermos alimentos saudáveis, que se não quisermos ficar doentes não podemos ficar comendo besteiras. Ai eles começaram a citar algumas coisas que faziam mal a saúde. E continuei explicando, fiz um quadro, onde listei alimentos saudáveis de um lado e alimentos não saudáveis de outro, para compreenderem melhor.

Com a ajuda da professora fizemos um patê na sala. Depois pedimos pão e queijo no refeitório, pegamos alface e cenoura na horta e preparamos um sanduiche natural. Fizemos suco de limão, que pegamos no limoeiro da escola. E por último pegamos algumas frutas, que também temos no quintal da escola. Preparamos tudo com a ajuda dos alunos. Depois de tudo pronto, fomos todos para a pracinha da escola fazer um piquenique. Foi muito bom, os alunos adoraram, e ficaram muito felizes porque tinham ajudado.

Além das oficinas realizadas, baseando nas observações feitas na escola durante o semestre, e refletindo sobre minha experiência com economia solidária, propus à escola uma ligação entre os princípios da economia solidaria e os trabalhos a serem realizados na instituição.

A escola sempre teve o papel de pedir, em todos os seus eventos, fazia-se uma votação entre os professores e a direção e elegiam uma comissão e somente essa comissão ficava responsável por cuidar do evento. Teve até uma discussão por isso, porque os membros da comissão diziam ficar sobrecarregados demais, enquanto os outros não faziam nada. Os pais praticamente nem participavam, porque a única maneira que os professores cobravam a participação deles era com dinheiro, e como a maioria não tinha condições de ajudar, eles nem solicitavam nada dos pais.

A maneira que eles encontram, quando querem dinheiro para alguma comemoração é pedir aos donos de comércios, aos políticos e aos funcionários da escola. Mas percebi que os funcionários já estavam insatisfeitos com isso, vi muitos reclamando que o salário é pequeno, que além de tudo que tem que pagar, ainda ter que pagar para trabalhar. E isso realmente não é justo, porque de acordo com os princípios da Economia Solidária, ninguém pode só dar, nem só receber, tem que ser uma troca: dar, receber, retribuir.

Como estava chegando o natal, e todos já estavam preocupados em como fazer para conseguir dinheiro para a festa, e como a festa é para todos, então como maneira de aproximar professores, alunos, pais, a direção e a comunidade para que todos participem e colaborem de forma igual, eu sugeri uma proposta.

Primeiro sugeri que a principio não pedíssemos dinheiro a ninguém, e que começássemos a preparação a base da troca. Como há muito tempo a diretora vem arrecadando materiais para deixar a escola mais bonita, principalmente a pracinha onde realizamos as comemorações, propus que a secretaria procurasse pelos pais dos alunos que fazem serviço de pintura, marcenaria, construção para ajudar nessa reforma, já que os materiais já estavam na escola.

Como haveria uma feira de artesanato no centro de convenções e fomos convidados, sugeri que os alunos fossem e levassem seus trabalhos, as toalhas, os tapetes e os panos de pratos para vender, e foi um sucesso, arrecadamos muito dinheiro.

Como maneira de nós funcionários colaborarmos, sugeri a venda de uma rifa onde nós ficaríamos responsáveis. Como me informaram que a escola tinha uma bicicleta doada pela fisioterapeuta, assim poderíamos rifar a bicicleta. E ainda propus que se caso os pais ou alunos quisessem levar convidados, que vendessem as rifas também para ajudar e assim conseguíssemos mais fundos, para conseguirmos fazer uma festa de qualidade para muitas pessoas.

Assim, pensando na relação da escola com a economia solidária, pude refletir sobre cada um de seus princípios, como a cooperação, onde temos pais, funcionários, alunos e pais de alunos trabalhando em busca de interesses comuns. Na autogestão, onde podemos ver todos os professores/funcionários envolvidos no processo e participando das decisões, não centralizando a responsabilidade na direção. Quanto à dimensão econômica, há uma grande dificuldade, porque não há um investimento na escola, a prefeitura não manda verbas suficientes e não há um amparo por parte do governo, assim quase tudo que conseguimos são doações e arrecadações. E quanto a solidariedade é visível, porque realmente há uma preocupação com o bem estar do próximo, e com a melhoria das condições de vida dos participantes.

Trabalhando com a economia solidária, podemos ver grandes transformações na educação, no trabalho e por onde ela passa. Percebe-se que a escola pode proporcionar

formas de melhorar a situação, já que ela é uma boa ferramenta. Mas para isso, é necessário que todos os envolvidos tenham compromisso para trabalhar em busca de seus princípios, e que não sejam pessoas capitalistas, mas que saibam trabalhar em cooperação e solidariedade. Além disso, necessitamos de ser amparados por políticas públicas, para uma melhor concretização dessa economia. Assim, podemos ver mudanças não só em empresas, mas em diversos lugares, como escolas, comunidades, associações. Um exemplo disso foi esta experiência realizada na escola, e a próxima, que foi realizada em uma associação.

2.2 Experiência 2: Associação Atlética de Santa Maria (DF)

A outra fase do meu projeto IV (Economia Solidária e Educação) foi realizada na Associação Atlética de Santa Maria (DF), junto com a professora Sônia e seus alunos de projeto III e IV. A associação é liderada por Amparo, uma moradora da cidade de Santa Maria, que busca ajudar os moradores carentes. Atualmente há um grande problema de viabilidade econômica, porque ela conta com algumas parcerias, que a ajudam com recurso financeiro, mas que nem sempre é o suficiente, porque essa ajuda não é contínua.

Não há um público alvo na associação, ela ajuda a todos que precisam, mas especialmente crianças e jovens, pois a representante acredita que salvando crianças e jovens das ruas, da marginalidade, acontecerão grandes mudanças no futuro da cidade. Há pessoas da comunidade que também contribuem com o trabalho da associação.

Há cerca de 320 crianças de 6 a 12 anos de idade, de todos os tipos e de condições bem diferenciadas, há também uma cozinheira e um treinador, que faz um excelente trabalho com as crianças, na escolinha de futebol. Mas a associação não ajuda somente crianças, mas também famílias e pessoas que enfrentam algum tipo de dificuldade. E como a associação não tem muitos colaboradores, a representante se sente muito só e sobrecarregada, e não consegue fazer tudo só, o que acaba faltando organização em muitos aspectos. Assim, ela viu em nós, da UnB, um grande apoio para ajudar a comunidade. Podemos perceber claramente que há uma solidariedade muito grande, devido à preocupação com o bem estar dos participantes e nas relações que se estabelece com a comunidade local, mas que também falta autogestão, porque que maior parte do trabalho fica centralizado na representante.

A princípio, quando chegamos em Santa Maria em busca de qual projeto realizaríamos, fomos para uma escola conhecer as associações e seus líderes. Conhecemos várias associações e o trabalho que cada uma realizava. Conhecemos um pouco também seus

representantes e o público atendido por cada associação. Durante o círculo de conversa percebemos diferentes realidades e necessidades. Mas ficamos surpresos também, porque havia trabalhos bem legais e interessantes, mas principalmente, solidários.

Depois que todos se apresentaram e explicaram seus trabalhos, ficamos satisfeitos porque vimos que nosso projeto de Economia Solidária se encaixaria perfeitamente naquele local e que tínhamos um grande trabalho pela frente. No início a comunidade ficou com algumas dúvidas do que realmente seria nosso trabalho, alguns acharam que nós seríamos patrocinadores e que ajudaríamos financeiramente. Assim, a professora explicou detalhadamente o que era a Economia Solidária, falou de seus princípios e como seria nosso trabalho partindo desses princípios, em interação com a educação.

Durante todos os nossos encontros sempre apareciam pessoas da comunidade, e a cada encontro aparecia um novo rosto, que geralmente era convidado por alguém. Mas os representantes das outras associações só apareceram no primeiro encontro. E como a única que realmente mostrou interesse, foi a Amparo, decidimos que nosso trabalho seria na Associação Atlética de Santa Maria. Fomos muito bem recebidos e notamos que nossa presença era desejada. Ela nos apresentou toda a associação, que tinha um espaço muito grande, mas só não estava bem aproveitado. E nos mostrou alguns problemas que a associação enfrentava, como problema com a documentação, falta de recursos financeiros e cooperação por parte da comunidade. Assim, diante disso, começamos a pensar o que poderíamos fazer, pensando no foco da Economia Solidária, que é dar, receber e retribuir.

A professora sugeriu trabalhar com os métodos Paulo Freire, já que a turma possuía alunos de projeto III e IV. Apresentou a proposta do curso de extensão com duração de 90 horas, cujo objetivo era construir uma rede de desenvolvimento local. Falou detalhadamente sobre o curso, esclareceu como seria, abrindo também a oportunidade para mudanças, caso necessário. Até porque o objetivo da proposta é ser construído levando em consideração as necessidades da comunidade, seus sujeitos e seu contexto. E não chegar com algo pronto e lançar sobre eles, mas construir e reconstruir em conjunto, já que eles são os sujeitos do curso.

A professora nos passou um vídeo de Paulo Freire, conduzido por Moacir Gadotti, que foi muito útil para nossa reflexão porque trouxe contribuições sobre como trabalhar com

educação popular e com educação problematizadora e não bancária, como no sistema capitalista.

Ao longo do semestre, conhecemos alguns membros da comunidade e aliados para nos ajudar, como o Tiago, que é professor de informática e seu objetivo é ajudar a comunidade a aderir à tecnologia e conseqüentemente ter uma melhor oportunidade de trabalho. A Nancy, monitora do curso de manicure, que auxilia mulheres a fazer unha por conta própria e assim ganhar seu próprio dinheiro sem ser explorado por outra pessoa que seja dona do capital. O Edilson, um senhor que faz um trabalho excelente com pintura em tecido e ensina as pessoas a pintar e vender seus trabalhos para conseguir um dinheiro extra para ajudar no seu próprio sustento ou no sustento da família. O professor de karatê, que trabalha com esse esporte ajudando muitos jovens, adolescentes e até crianças a preencher seu tempo praticando esporte e assim não ter a mente livre para coisas do mal, porque segundo a Amparo esses jovens são muito propensos a se envolver em coisas erradas. E ainda na área do esporte, o treinador de futebol das crianças, que faz um trabalho bem legal também, ocupando o tempo dessas crianças para que não fiquem na rua com o tempo livre. Ele levou as crianças lá para conhecermos e elas pareciam muito satisfeitas por fazer parte desse grupo.

Depois de ouvir sobre o trabalho que pretendia desenvolver cada um desses membros, discutimos juntos algumas propostas, levando em consideração sempre suas situações e o contexto deles para refletir em como poderíamos fazer para ajudá-los a desenvolver melhor seus trabalhos, sempre pensando no papel da Economia Solidária. Buscando assim trabalhar com uma educação/formação que defende o respeito à vida e ao próximo, o amor, a dignidade humana, a igualdade de direitos, cujo objetivo é conscientizar esses sujeitos sobre o valor de sua palavra, experiência e trabalho, formando assim sujeitos críticos reflexivos que tenham autonomia e busquem por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Pensando ainda no trabalho da comunidade citado anteriormente, buscamos interagir mais um princípio da economia solidária, que são as trocas solidárias de experiências, pessoas reunidas em busca de compartilhar o trabalho que sabem, para pessoas que precisam aprender modos de produção alternativos ao trabalho assalariado, mas também pessoas que precisam ou querem aprender outras modos de produzir fora o que já possuem, onde todos entram compartilhando algo, existindo assim uma troca de experiências. Há o respeito pela sabedoria e valorização pela experiência de cada um. Nesse sentido, pensando também na

busca da autonomia, não só como trabalhadores, mas principalmente como cidadãos, porque é uma maneira de superar o vínculo da formação somente para o mercado globalizado, assalariado, excludente e altamente competitivo, como ressalta Tiriba.

No encontro posterior, a partir de cada proposta de trabalho, nos dividimos (alunos e comunidade) em quatro grupos de interesse, sendo assim: grupo do esporte (futebol e karatê), da cultura, da costura e da alfabetização (EJA). Cada um ia para o grupo em que tinha maior interesse.

A partir da perspectiva de trabalho, me interessei pelo grupo da alfabetização de jovens e adultos. O responsável por ele era o Manoel, morador da cidade Ocidental, cursava o 7º semestre de Pedagogia, iniciou a alfabetização de adultos no ABCD DF e é o tesoureiro da associação. Ele iniciou o projeto com duas turmas no começo do ano e segundo ele há idosos e jovens, não há uma faixa etária certa, mas que há alunos a partir dos 15 anos até 80 anos aproximadamente.

Mas atualmente há apenas uma turma, com cerca de 30 alunos, e o horário da aula é das 19h às 21h de segunda a quinta. Segundo o professor, a maioria dos alunos chega sem nenhum conhecimento. Ele procura trabalhar com o método Paulo Freire. No diálogo, ele nos contou que há um projeto do governo que também dá alfabetização de adultos próximo da associação, mas ele disse que os alunos não querem ir porque lá os professores infantilizam os alunos e trabalham com educação bancária, preocupados somente em passar os conteúdos. Daí ele enfatizou a importância do carinho/afeto com os alunos e que por isso eles preferiam ficar na associação.

Muito desanimado, Manoel nos contou ainda que não há ajuda de custo, que ele faz tudo por amor, e que tira todo o dinheiro que gasta lá do seu próprio bolso. Então, como o objetivo da Economia Solidária é a troca, é dar-receber-retribuir, não é justo que o professor fique só na condição de dar e os alunos só na de receber. Propomos então que a associação solicitasse aos alunos uma contribuição mensal de 10 reais para ajuda de custo, e assim seria uma troca solidária, onde ambos os lados receberiam.

Como as aulas de EJA eram durante a noite e nós também somos alunos no noturno, não tinha a possibilidade de estar todas as noites acompanhando esses alunos, então decidimos que cada um ficaria responsável de montar seu horário de observação das aulas de EJA, de acordo com a grade horária de cada um, já que não dava para todos irem no mesmo

horário. Então cada um ia de acordo com seu tempo, e depois tudo que fosse relatado era passado aos demais colegas do grupo e à professora.

Com base nas observações, constatamos que os alunos são pessoas mais de idade, poucos são mais jovens. Eles demonstram muito entusiasmo para aprender, é gratificante trabalhar com eles. São pessoas esforçadas que às vezes trabalham fora o dia todo, ou são aposentados que também fazem serviço de casa, cuidando dos netos. Eles chegam muitas vezes cansados, mas mesmo assim cheios de vontade de aprender e isso é muito animador para um professor.

No decorrer do semestre, tivemos muitos encontros e discussões em nosso grupo de interesse, chegamos a muitas conclusões, mudamos de opinião muitas vezes, mas tentamos ao máximo levar os princípios da Economia Solidária para esse contexto, inspirados no pensamento de Paulo Freire. Não só tentamos colocar em prática um pouco do que aprendemos nesse projeto, mas também tivemos um aprendizado muito grande com essa experiência, e um conhecimento muito significativo.

Em um de nossos encontros, a professora iniciou a aula com uma brincadeira, chamada a dança da cadeira. Estava presente nós alunos, a professora, a Amparo e mais algumas pessoas da comunidade. A maioria participou da brincadeira, mas alguns não quiseram, outros ainda começaram, mas desistiram, a comunidade também participou. O objetivo era nos levar a uma reflexão e discussão a cerca de viver em sociedade.

Foram colocadas algumas cadeiras no meio da sala. As pessoas giravam em torno da cadeira e quando parava a música elas sentavam, mas eram somente sete cadeiras para muitos alunos. Os que conseguiam sentar ficavam tranquilos, alguns dos que não conseguiam ficavam em pé olhando para as cadeiras com cara de desconfiança, as mulheres geralmente sentavam no colo das outras mulheres, uns sentavam no braço da cadeira e outros se encostavam a alguém que já estava encostado.

À medida que iam tirando as cadeiras, as pessoas iam ficando mais agarradas às cadeiras para não ficar sem lugar e com medo de ficar de fora e não encontrar lugar. Duas pessoas da comunidade saíram por não encontrar espaço e não ter talvez liberdade de encostar ou sentar no colo do outro. Os alunos que se conheciam entre si tinham mais essa liberdade, mas alguns continuavam em pé, sem sentar ou encostar-se aos outros que se encontravam amontoados nas cadeiras. Quem conseguia sentar não facilitava para quem

estava em pé. A maioria encostava uns nos outros para não ficar de fora, mas alguns ainda continuavam fora da roda sem encostar-se aos demais, apenas olhando. Uma senhora da comunidade saiu por medo de ser empurrada e machucada.

Depois que terminou a brincadeira, a professora abriu a palavra para quem quisesse falar, alguns alunos falaram o que acharam, duas pessoas da comunidade também deram sua opinião e a professora fez uma breve observação para abrir uma discussão. Através da observação, ela colocou a luta por lugares que atualmente é muito grande e cada vez mais acirrada, a pessoa quer garantir o seu lugar e não está nem ai para o outro. Colocou a questão dos solidários, que muitas vezes agem assim, mas por medo. E os solidários por necessidade de sobrevivência.

A partir desses questionamentos abriu para debate e discutimos um pouco essa relação da solidariedade, o que nos levou a refletir sobre muitas coisas. Uma delas, sobre nossa postura como futuros educadores, frente aos nossos alunos e à sociedade. Temos que ter muito cuidado para não contribuir para a formação de alunos competitivos e individualistas, porque é isso que tem sido cobrado das pessoas nessa sociedade capitalista. Temos que mostrar aos nossos alunos, principalmente os de EJA, que há outro tipo de sociedade, outro tipo de economia, que há outra maneira de produzir e de conseguir alcançar nossos objetivos, sem explorar o outro, sem passar por cima dos outros. E que com pessoas mais humanas, mais solidárias e que pense também no próximo teremos uma sociedade melhor.

Quando faltava aproximadamente 45 dias para encerrar o semestre, decidimos também fazer uma revitalização na infraestrutura da associação. Foi ideia da professora, já que dois alunos de seus projetos fazem um ótimo trabalho em escolas revitalizando todo o espaço e o que há nele, deixando um espaço mal cuidado com uma aparência bela.

Analisamos a associação e fizemos um levantamento de tudo que seria necessário, todo o material foi anotado em uma folha e passado posteriormente para o e-mail de todos da turma, para que cada um contribuísse com algo ou buscasse meios para conseguir o que fosse necessário. O que não conseguimos arrumar em casa ou com as pessoas, nós pedimos em muitas lojas e conseguimos arrecadar muitas coisas. A Amparo também conseguiu alguns materiais, mas mesmo assim ainda faltava muita coisa. Mas muitas coisas também foram revitalizadas, então deu para aproveitar muito do que tinha no espaço. Como nós ficamos dois

sábados durante o dia todo, nesses dias nós fazíamos um almoço solidário, onde cada um de nós, alunos, contribuía com cinco reais, mas todos que passavam por lá almoçavam.

O trabalho foi um pouco cansativo porque alguns ficavam só enrolando, enquanto outros trabalhavam duro, e ainda o pessoal da comunidade, com exceção de alguns, só passavam por lá para ver o que estava acontecendo, faltando assim cooperação por parte da comunidade e de muitos alunos, já que o princípio da ES é que todos unam esforços e trabalhem juntos em prol do mesmo objetivo. Como o espaço é muito grande, tem salão de beleza, brinquedoteca, biblioteca, espaço para reuniões/aulas, nos dividimos em grupos e cada um ficou responsável por uma parte. Então os que realmente assumiram o compromisso, ficaram mais sobrecarregados e trabalharam mais, faltando também autogestão entre os participantes do projeto.

Assim que terminamos a parte de revitalização, fizemos uma organização na associação, que estava muito bagunçada e com muita coisa fora do lugar. Terminamos algumas coisas que estavam quase prontas, colocamos os móveis nos lugares, fizemos uma limpeza geral de todas as partes, e a organizamos para que voltasse a funcionar normalmente.

Como o semestre estava chegando ao fim, voltamos à discussão nos grupos, fizemos uma análise de tudo que ocorreu no semestre, pontuamos algumas coisas que podiam ser melhoradas para o próximo semestre e fechamos com uma proposta, que trazia contribuições e reflexões à cerca de nossa experiência e aprendizagem com Economia Solidária e EJA.

Ao encerrar o semestre, encerrei também meu projeto IV, com uma experiência que me proporcionou vivenciar a realidade de trabalhar os princípios da uma economia que não seja capitalista, mas solidária. Pude ver a importância de trabalhar essa economia em contexto educacional, e a contribuição que ela pode trazer para uma sociedade mais justa e igualitária, bem como vivenciar suas dificuldades, obstáculos e realizações. Mas não se pode esquecer também de que as políticas públicas são necessárias para ajudar a alcançar tal economia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, percebe-se que é possível uma interação entre os princípios da Economia Solidária e a Educação de Jovens e Adultos, e que por meio dessa economia é possível transformações na realidade dos educandos de EJA e consequentemente melhores condições de vida e trabalho para esses sujeitos. Mas para isso, é necessário políticas públicas comprometidas com a formação humanizadora do cidadão e não apenas com a preparação de mão-de-obra para atender as demandas do capital. E principalmente uma alfabetização libertadora e consciente, como defende Paulo Freire, para que sejam sujeitos críticos reflexivos e tenham autonomia para reivindicar seus direitos.

As experiências me fizeram perceber que são possíveis novas formas de reprodução, que não seja a capitalista, mas que é preciso muitas mudanças. Precisamos de escolas com gestões verdadeiramente democráticas, que não se encham apenas de conteúdos como português e matemática, mas que tenham também uma função social. Precisamos de educadores com novas visões e pensamentos, que colaborem para a formação de sujeitos mais humanos e solidários, que busquem por uma nova sociedade, e lutem por uma educação igualitária e que defenda sempre o respeito ao próximo, mas principalmente precisamos estar amparados por políticas eficazes que pensem no bem comum, social. Assim, será possível uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Caderno Cedes*, ano XXI, nº. 55, novembro/2001.

XI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos. Belém: Centro de Convenções e Feiras da Amazônia – Hangar, 2009.

Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA) / Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

VENTURA, Jaqueline P. *Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos*. Disponível em <<http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-01.htm>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2011.

PINTO, I. M. J; CHAVES, D. F. Economia Solidária como alternativa de desenvolvimento regional. *T&C Amazônia*, Ano V, Número 10, Fevereiro de 2007.

DA ROCHA, J. M. *Economia Solidária: discutindo uma nova ética nas relações de troca*. Disponível em <<http://hermes.ucs.br/ccea/dece/jmrocha/Textos/Economia%20Solidaria.pdf>>. Acesso em 27 de dezembro de 2012.

TIRIBA, L. *A economia solidária no contexto da economia moral das multidões (os sindicalistas entrem em campo)*. Disponível <<http://hermes.ucs.br>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2012.

VIVIAN, D. *A Educação de Jovens e Adultos e a Economia Solidária*. Disponível em <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/105.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2012.

Kruppa, Sonia M. Portella. *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: Inep, 2005. 104p.

I Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária: documento final. Brasília: MTE, Senaes, SPPE, DEQ, 2006. 47 p.

SINGER, Paul Israel. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

FREITAS, L.C.; SORDI, M.R.L.; MALAVASI, M. M. S.; FREITAS, H. C. L. Avaliação Educacional. Caminhando pela contramão. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIEIRA, Maria Clarisse. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

BEISIEGEL, C. R. Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Ática, 1982.

RUMMERT, Sonia Maria. Educação de Qualidade: diferentes visões. 1998, Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1998.

MENDONÇA, Sônia R. Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LEAL, Maria Cristina. As alterações sofridas pelos conceitos de cultura popular e educação popular ao longo da história brasileira: do Império à República. Rio de Janeiro, 1985.

Em: <[Http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp)>. Acesso em 12 de janeiro de 2012.

TERCEIRA PARTE
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Chegar ao fim da graduação com êxito já é um grande passo para a carreira profissional e pessoal. Hoje vejo que fiz a escolha certa ao optar pelo curso de Pedagogia, porque a área da educação é apaixonante. É gratificante ensinar, ver o resultado do seu trabalho. E ser professor não é só ensinar conteúdos em sala de aula, é preparar o educando para a vida, dentro e fora da escola, despertando seu senso crítico, o amor pelo próximo, o valor da solidariedade.

Hoje vejo que estar na área da educação me tornou uma pessoa mais humana e solidária, principalmente depois das experiências com Economia Solidária. O curso de Pedagogia juntamente com as experiências pedagógicas me fizeram compreender a sociedade de outra maneira, ver a importância que tem a educação, e o valor do ser humano. E todos os obstáculos foram mínimos se comparados às alegrias e aprendizagens.

Tenho muitas pretensões e desejo alcançar muitos objetivos. Apesar das experiências com EJA e de gostar muito da área, meu principal foco agora é formar e assumir o cargo de Professora na educação infantil em um concurso que fui aprovada, e está somente aguardando a entrega do meu diploma. Pretendo fazer três especializações, uma na área da educação infantil e outra na área da educação especial, que iniciam no próximo mês. Quero ainda fazer uma na área de orientação e gestão. Assim que tiver fluência no inglês, pretendo entrar no mestrado. E talvez um dia no doutorado.

Futuramente sonho em abrir minha própria instituição, baseada nos princípios da Economia Solidária. E principalmente desejo contribuir para a formação de uma sociedade mais justa, onde quer que eu esteja, seja em ambientes escolares ou não. Levando às pessoas tudo de bom que aprendi, compartilhando todos os saberes que me proporcionaram essa linda caminhada.